

HABITUS, CAMPO, ESTRATÉGIA: UMA LEITURA DE BOURDIEU*

Maria Helena Bueno Trigo**

Resumo: o artigo visa, a partir de uma leitura cronológica da obra de Pierre Bourdieu e de alguns de seus comentaristas, tentar explicitar e comentar os conceitos básicos da sua proposta teórica. São discutidas os conceitos de *habitus*, campo, estratégia e reconversão.

Palavras-chave: *habitus*, estratégia, campo social, reconversão, posição, disposição.

A proposta desse artigo é, a partir de uma leitura dos textos de Pierre Bourdieu e de alguns de seus comentaristas, refletir sobre os conceitos básicos da teoria do autor.

Tomando como ponto fundamental de suas reflexões a relação indivíduo/sociedade, Bourdieu procurou soluções ao paradoxo estabelecido entre as teorias estruturalistas onde o sujeito está ausente e outras concepções mais voltadas para o indivíduo. (Bourdieu, 1987) O centro de suas discussões é, pois, a procura de uma resposta articulada que supere a oposição entre objetivismo e subjetivismo.

Na tentativa de ultrapassar uma das dificuldades da investigação sociológica, que apesar de muito antiga é ainda bastante atual, Bourdieu parte de uma crítica às epistemologias objetivistas e às postulações fenomenológicas em busca de uma resposta mediadora e conciliatória. Por m lado, ao propor a possibilidade da ação objetivamente estruturada que não seja produto da obediência às regras exteriores, faz uma crítica a Durkheim. Por outro, procura não cair no subjetivismo das teorias fenomenológicas, quando nega ao agente a capacidade de uma previsão consciente que permita atingir suas metas.

No limite, a proposta de Bourdieu é ultrapassar a contradição (para ele apenas aparente), entre duas formas de conhecimento, duas epistemologias consideradas opostas, encontrando um terceiro modo de conhecimento que estabeleça a mediação entre indivíduo/agente social e a sociedade.

* Versão ligeiramente modificada do capítulo introdutório da Dissertação de Mestrado *Ser e Parecer: estudo sobre as práticas de reprodução social do grupo cafeicultor paulista*, apresentada pela autora ao Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, 1989.

** Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Grupo de Estudos sobre a Instituição Escolar e Organização Familiar - FOCUS - UNICAMP.

De certo modo, retoma a polêmica desenvolvida por Sartre em **Questões de Método** sobre a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade. (Bourdieu, 1972:244) No entanto, se para Sartre a mediação se faz pelo “projeto”, isto é, pela ação colocada no futuro, para Bourdieu é o aprendizado e a interiorização do passado que intermedeiam a relação entre os indivíduos e a sociedade. (Ortiz, 1983:14)

O HABITUS COMO MEDIAÇÃO

É por meio do conceito de *habitus* recuperado da filosofia escolástica que Bourdieu estabelece a mediação indivíduo/sociedade. O *habitus* é definido por ele como “a aptidão que têm os agentes de se orientarem espontaneamente no espaço social e a reagir de modo mais ou menos adaptado aos acontecimentos e situações”. (Bourdieu, 1972:178) A vivência das mesmas condições objetivas organiza no indivíduo um sistema de disposições duráveis que tende a reproduzir as estruturas geradoras. É, pois, um sistema de estruturas estruturantes, ou seja, um princípio gerador de práticas e representações.

A formação do *habitus* dá-se pela interiorização dos determinismos sociais. A medida que se repetem as experiências pontuais e concretas acumulam-se e estruturam-se em disposições gerais. Agentes de um mesmo segmento social, vivendo as mesmas condições de vida, tendem a incorporar as mesmas disposições que, ao se interiorizarem, transformam-se em verdadeiros traços de personalidade, vale dizer, em uma segunda natureza, profunda e durável.

É exatamente esse conjunto de disposições, isto é, o *habitus* que sistematiza todas as formas de agir, pensar e perceber dos agentes. É assim um sistema de disposições abrangente: aplica-se às práticas nos mais variados campos sociais, dando-lhes unidade.

Bourdieu procura deixar claro que seu conceito de *habitus* refere-se a um sistema de disposições socialmente construído e salienta a condição de agente do sujeito social. Em sua postura teórica está implícita uma crítica ao estruturalismo e a outras teorias que recorrem a modelos e regras exteriores para explicar a ação individual.

Entende-se assim a afirmação de Bourdieu “tudo funciona como uma orquestra sem maestro” (Bourdieu, 1983:101) como explicitadora da idéia de que o *habitus* é o princípio não escolhido de todas as escolhas; fundamento das práticas nos mais variados campos de ação. Estão, dessa maneira, em estreita ligação o estilo de vida dos agentes (comandados pelas opções estéticas), sua rede de relações, suas escolhas amorosas, aspirações, interesses e suas atitudes ou posturas corporais. A unidade e homogeneidade das práticas, observável nos diferentes segmentos sociais é dada pelo princípio gerador, o *habitus*, que garante a regularidade das práticas nos diferentes grupos. É a esse princípio gerador e não à obediência à regras estabelecidas que se deve a harmonização observável nos diferentes grupos sociais.

A noção de *habitus* engloba, assim, a de *ethos*,¹ ou seja o princípio que elege as condutas ou a ética realizada e perceptível como disposição geral de um grupo social. Mais que isso, o *ethos* como princípio prático é uma moral que se instala no corpo transformando-se em uma *hexis* traduzida na postura corporal, nos gestos ou na competência lingüística. Bourdieu considera a *hexis* corporal como mais uma das disposições constitutivas do *habitus* que se atualiza na relação dos agentes com seus próprios corpos. Para ele, a *hexis* é a mitologia política realizada e incorporada, que se transforma em disposição permanente, em uma maneira durável de se comportar, de falar, de andar e, conseqüentemente de sentir e de pensar. Desta forma, fica caracterizada uma oposição entre o *ethos* masculino e o feminino que se traduz em formas diferentes de perceber o corpo e de se comportar. Fica assim atribuído um valor social aos mais elementares atos corporais e reconhecida uma equivalência entre as práticas realizadas nos mais diferentes campos. Desta forma, o gosto, considerado como aptidão ou propensão para determinadas escolhas, sejam elas materiais ou simbólicas, é outra das disposições englobadas pelo *habitus*. Tais escolhas seriam, em suma, a realização estética ou a estética realizada. (Bourdieu, 1980:117)

Em última análise é o *habitus*, conceito chave da teoria do autor, que possibilita uma explicação articulada entre o individual e o social, entre as estruturas internas da subjetividade e as externas traduzidas nos determinismos sociais. Nessa construção teórica, indivíduo e sociedade não são elementos excludentes, antes pelo contrário, são estados de uma mesma realidade, “da mesma história coletiva que se inscreve no corpo (indivíduos) e nas coisas (instituições)”. (Accardo, 1986:54)

Embora sendo um dos pontos centrais da teoria de Bourdieu, o conceito de *habitus* sofreu uma evolução em sua obra: partindo de uma conotação mais determinista, o autor chega a uma colocação mais livre, onde há espaço para a inovação. A leitura cronológica da obra tornou possível a percepção das modificações sofridas pelo conceito. Em suas primeiras colocações, os elementos mais significativos na definição de *habitus* são aqueles ligados à idéia de reprodução, portanto, mais deterministas: encontramos em **La Reproduction** a seguinte afirmação: “o *habitus* é um princípio explicativo e unificador das condutas e opiniões, um princípio explicativo que tende a reproduzir em todos os momentos uma biografia escolar ou intelectual e o sistema de condições subjetivas do qual é produto”. (Bourdieu, 1970:198) Fica claro nessa colocação o caráter impositivo dado ao *habitus*.

Essa posição de Bourdieu foi e é, ainda hoje, bastante criticada e discutida. Atribuem-lhe uma postura teórica que nega as mudanças, dando ênfase à reprodução. Uma vez que a oposição entre a mudança e a reprodução das estruturas foi sempre um ponto nodal de preocupação nas investigações sociológicas que osci-

1 Bourdieu afirma utilizar-se cada vez menos da noção de *ethos*, entendido como um conjunto de princípios práticos que regem a conduta uma vez que, para ele, tais princípios são ao mesmo tempo práticos e simbólicos.

lam entre os conceitos de dinâmica e de estática, entende-se a polêmica em torno da construção teórica de Bourdieu. Sua posição foi considerada imobilista e o conceito de *habitus* mecanicista e funcionalista; sua teoria foi lida como mais uma teoria da reprodução. Nesse sentido diz Ortiz (1983:29): "os estudos de de Bourdieu nos parecem da maior valia desde que os consideremos fora da perspectiva imobilista do processo de reprodução". Outros autores falam dessa construção teórica como insuficiente para explicar fenômenos como aculturação, formação de identidade cultural ou mutações que levem a transformações do espaço social; seria pois uma teoria que condenaria as classes sociais a uma total imobilidade. (Cicolani, 1984).

No entanto, em 1980, em **Questions de Sociologie**, aparecem alterações na conceituação de *habitus* que passa a apresentar aspectos mais inventivos e adaptativos capazes de conter a idéia de transformação: "o *habitus* é constituído por um conjunto sistemático de princípios simples e parcialmente substituíveis, a partir dos quais uma infinidade de soluções podem ser reinventadas, soluções que não se deduzem diretamente de suas condições de produção. (Bourdieu, 1983:106)²

Percebe-se nessa definição de *habitus* um espaço para criação e inovação, não aparecendo aí uma adesão a determinismos que excluam quaisquer mudanças; pelo contrário, há uma idéia de permanente atualização do *habitus*. É possível pensar a partir disso que a permanência e a mudança obedecem a uma mesma lógica: sendo o *habitus* uma experiência cumulativa, sua interação com as condições conjunturais resulta em uma constante necessidade de adaptações e ajustamentos, ainda que toda a experiência passada seja acionada a cada nova opção. (Accardo, 1983:176) Isso faz com que a teoria de Bourdieu encerre uma idéia de dinâmica social.

Mais tarde em **Homo Academicus** (1984), Bourdieu reafirma a idéia de que as mudanças não são produtos exclusivos de uma ação consciente e deliberada dos agentes, reiterando o caráter inconsciente das práticas.

Considerando que, o *habitus* se constroi com a experiência, conclui-se que é uma estrutura interna sempre em vias de reestruturação. Em outras palavras, a partir das primeiras experiências vividas no âmbito familiar (para o autor, as mais profundas e duradouras) outras vivências como a pedagógica e mais tarde as profissionais, vão se somando a essa estrutura primeira. A estruturação do *habitus* está intimamente ligada às diferentes posições ocupadas pelos indivíduos ou pelos grupos na hierarquia social.

Dois outros conceitos desenvolvidos por Bourdieu são de grande valia para a compreensão das questões que envolvem a formação e o papel do *habitus*: o de campo e de estratégia.

2 Foi utilizada para esse estudo a tradução portuguesa de *Questions de Sociologie*, editada em 1983.

A DINÂMICA DOS CAMPOS

É em **Questões de Sociologia** (1983) que Bourdieu desenvolve mais amplamente o conceito de campo, definindo-o como um espaço social, isto é, um sistema de posições diferenciais que confere aos agentes individuais ou coletivos, que o ocupam, papéis e *status* diversos.

Cada campo específico, seja ele da religião, da política, da cultura ou das relações familiares possui leis de funcionamento próprias e, ao mesmo tempo, participa de mecanismos que são universais, isto é, comum a todos os campos. Esses espaços sociais que o autor chama de “campo” seriam sistemas específicos de relações objetivas que podem ser de aliança, de concorrência ou de cooperação entre posições diferenciadas, socialmente definidas, completamente independentes da existência física dos agentes que as ocupam³. É a lógica estrutural de cada campo e a maneira como essas estruturas funcionam que, se impõem aos agentes como disposições duráveis e, são interiorizadas em forma de *habitus*. Portanto, é a partir das posições ocupadas pelos indivíduos em cada espaço social específico que suas ações devem ser entendidas.

Repete-se em vários momentos a afirmação de Bourdieu de que as posições que ocupam os indivíduos em um determinado campo não podem ser confundidas com as características pessoais desses mesmos indivíduos. No entanto, a apropriação das posições ocupadas no campo e posterior transformação delas em características pessoais é fato comum nos mais diversos espaços sociais.

A estrutura dos campos, a cada momento, pode ser definida como o estado da relação de força entre os agentes ou entre as instituições engajadas na luta pela apropriação de um determinado capital que, acumulado no curso de lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores. (Bourdieu, 1983:90)

Assim, as interações entre os agentes de determinado campo só podem ser entendidas em função da posição que ocupa cada um no interior do campo e, este na hierarquia social. Em poucas palavras, é preciso conhecer as posições para entender as disposições.

O campo é, dessa perspectiva um *locus* de luta pela conservação ou subversão na distribuição do capital legitimado por cada campo. Assim, entende-se que os capitais tem seu valor dentro dos limites de cada campo e só podem ser convertidos em outra espécie de capital em circunstâncias específicas.

É exatamente a distribuição desigual dos capitais entre os agentes que engendra a luta no interior dos campos. Mas, se por um lado, lutas pelos capitais são parte do funcionamento desses campos, por outro, há espaço para o consenso social, uma vez que os agentes estão interessados na sobrevivência e manutenção dos campos dos quais são parte integrante.

3 A popular frase “rei morto, rei posto” ou ainda “estou ministro, não sou ministro” que entrou para o ideário político brasileiro, são exemplos ilustrativos dessas afirmações.

Para Bourdieu, os capitais, isto é, os recursos que estão na base da estrutura dos campos são de três ordens: econômico, cultural e social. A posse desses capitais é não só objeto de luta interior aos campos, como também condição para a entrada neles.

Entre as três espécies de capital, o econômico é, sem dúvida, o de maior peso e, no limite, pode ser o fator de decisão das lutas. Segundo Bourdieu, o campo econômico poderia ser considerado como um campo social autônomo, historicamente constituído, sendo portanto um ramo da sociologia econômica: “a teoria das práticas econômicas é, apenas, um caso particular da teoria geral da economia das práticas”. (Bourdieu, 1980:209) Nesse sentido, define a classe social pela “posição ocupada pelos agentes nas relações de produção e pelo *habitus* (de classe) associado a essa posição”. (Bourdieu, 1979:433) O autor não se detém no estudo do capital econômico e diz textualmente: “quanto ao capital econômico, remeto a outros pois esse não é meu trabalho. Ocupo-me daquilo que é abandonado pelos outros, o capital cultural e o capital social”. (Bourdieu, 1983:44) Fica claro que a preocupação de Bourdieu é com o capital simbólico que engloba os capitais cultural e social.

O capital social é definido pelo autor como “o conjunto de recursos atuais ou potenciais ligados a posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou inter-reconhecimento (Bourdieu, 1980:2-3) ou seja, a pertinência a um grupo onde os agentes estão unidos por ligações permanentes e úteis. O conceito de capital social abre caminho para explicar uma série de práticas, que supondo gastos de dinheiro, tempo e uma competência específica assegura a reprodução desse tipo de capital.

A noção de capital cultural nasceu da observação feita por Bourdieu sobre a desigualdade no desempenho escolar entre os membros de segmentos sociais diversos: o sucesso no sistema de educação formal está fortemente ligado a uma interiorização de valores culturais realizada anteriormente de modo informal no âmbito familiar.⁴ Esses valores culturais inculcados pela família servem como base e predispõem para o aprendizado escolar formal, determinando, de certo modo, seu sucesso ou insucesso.

Além da mencionada incorporação de valores da cultura, a noção de capital cultural inclui o estado objetivado da própria cultura ou seja, os bens culturais, objetos de arte, livros etc. Os títulos universitários seriam o estado institucionalizado do patrimônio cultural. Fica clara a estreita ligação entre os capitais cultural e econômico: o aprendizado precoce, constante e lento, requer disponibilidade de tempo; portanto, de um distanciamento das urgências materiais, ligadas à sobrevivência. Mais que isso, o acesso a bens culturais, objetos de arte ou livros é diretamente proporcional aos recursos econômicos dos agentes.

Donde se conclui que, embora distintos em sua natureza, há uma estreita ligação entre os capitais que são passíveis de, em determinadas circunstâncias, sofrerem reconversões, como veremos adiante.

4 Uma vez que são os valores dominantes que definem o capital cultural, os estudantes originários das camadas socialmente mais elevadas levam vantagem nos concursos de seleção e têm maior sucesso nos cursos.

Ainda que vistas sob o prisma sincrônico, as posições ocupadas pelos agentes no interior dos campos, trazem implícitas o sentido de trajetória. Para que se entenda os comportamentos dos agentes em um determinado campo, é preciso que se conheça a trajetória que percorreram até a ocupação de uma certa posição em um dado momento.

Mesmo reconhecendo a possibilidade da existência de casos individuais que contrariem uma propensão geral, Bourdieu acha possível falar em “trajetória modal”, isto é, aquela que tem maior probabilidade de ser seguida pelos agentes de um grupo ou segmento social. Dessa forma, a história individual pode ser considerada como inscrita na história coletiva e as diferenças entre os *habitus* individuais são, apenas, variantes estruturais do *habitus* de classe.

É no interior de um campo que se formam e funcionam as disposições constitutivas do *habitus*. Considerando o campo como *locus* de “forças possíveis” ou seja, uma situação dinâmica onde as forças se manifestam e se organizam apenas em relação a certas disposições, conclui-se que práticas idênticas podem ter significados diversos e até mesmo opostos em campos diversos. (Bourdieu, 1979:103)

É o aspecto dinâmico dos campos que, na opinião de Bourdieu, os diferencia dos chamados aparelhos. Enquanto o aparelho, no dizer do autor, reintroduz o pior dos funcionalismos, uma vez que são máquinas programadas para determinados fins, nos campos os agentes estão em constante luta de forças para se apropriar dos capitais em jogo, sempre a partir de regras inerentes ao próprio campo.

Para Bourdieu, a Igreja o Estado ou o sistema escolar são campos que, sob certas condições, podem se transformar em aparelhos. Em cada um desses espaços sociais, os dominantes procuram impor seus pontos de vista mas tendo sempre que fazer frente à resistência dos dominados. Nos aparelhos essa resistência é anulada e a dialética de forças eliminada.

PRÁTICAS OU ESTRATÉGIAS?

O autor vê a estratégia como um instrumento na ruptura com o objetivismo e com a idéia de ação sem sujeito suposta pelo estruturalismo. Construindo sua teoria da prática, o autor define a estratégia como produto do senso prático, de um determinado jogo social, historicamente definido, que os indivíduos aprendem desde a infância participando dele. (Bourdieu, 1987:79) Portanto, ainda que seja exigido do agente uma ponderável dose de adaptabilidade às novas circunstâncias, suas ações não são produto de obediência às regras exteriores.

Enquanto o senso comum atribui à palavra estratégia o sentido de ação planejada, conscientemente programada e determinada,⁵ para Bourdieu há uma quase

5 A noção de estratégia é amplamente usada na linguagem militar e, precisamente, com o sentido de ação planejada de forma rígrida e controlada.

sinonímia entre **prática e estratégia**. Para o autor, a prática entendida como atualização do *habitus* tem que ser estratégica todas as vezes que as circunstâncias, ou seja, a estrutura do campo tiver sofrido modificações.

Mais uma vez, nota-se por parte do autor, a atribuição de um sentido bastante personalizado às palavras. Da mesma forma que a noção de *habitus* tem para ele uma conotação muito mais ativa do que comumente lhe é atribuída, a noção de estratégia tem um sentido mais passivo do que na linguagem comum. (Heran, 1987:45)

Referindo-se aos casamentos, Bourdieu diz que não são produtos de obediência à regras mas, estratégias que atualizando princípios interiorizados de uma determinada tradição, podem reproduzir de forma mais inconsciente do que consciente algumas soluções típicas dessa mesma tradição. (Bourdieu, 1972:15)

Parece claro o caráter não intencional da estratégia na teoria de Bourdieu. Então perguntaria-se porque estratégia?

Em primeiro lugar porque ao conceituar estratégia, a intenção de Bourdieu foi opor-se ao conceito de regra adotado pelo estruturalismo. Sua intenção foi resgatar o subjetivo nas práticas que, para ele, são ações de um agente socializado (com um *habitus* interiorizado) e não um ator que age em função de modelos ou de regras exteriores a ele.⁶ A noção de estratégia, que traz implícita a idéia de um sujeito, um agente executante torna-se então pertinente.

Em segundo lugar, como produto do *habitus*, um sistema de disposições criadas no passado que sobrevive no presente, as práticas tendem a perpetuar esse *habitus* no futuro. (Bourdieu, 1972:174) A noção de estratégia estaria, pois, justificada por encerrar uma certa dose de antecipação do futuro, conferida pelo *habitus*, sua matriz geradora.

Assim, as ações engendradas pelos *habitus* podem ser consideradas como “estratégias objetivas” que devem seu sucesso a sua inconsciência e desinteresse. Isto é, são eficazes independentemente de seus agentes quererem ou saberem. (Bourdieu, 1980b:4) O *habitus* instrumenta o agente como um “operador de cálculo inconsciente”, ou seja, lhe possibilita agir de forma adaptada, orientar-se no espaço social estrategicamente sem que para isso seja necessária uma reflexão ou determinação consciente.

Entende-se que a compreensão dos conceitos de Bourdieu só é possível se contextualizado em sua obra, do contrário são sérios os riscos de uma leitura distorcida⁷.

A estratégia, no entendimento do autor, traz implícita uma dimensão reprodutora das condições que geraram o *habitus* e, ao mesmo tempo, a capacidade de integrar novos aspectos (por vezes até mesmo contraditórios) que permite um

6 Nessa medida, Bourdieu critica ao mesmo tempo a noção de “modelo” tal como aparece no estruturalismo e o juridicismo que preconiza a noção de “regra”.

7 Fica claro que ao fazer tal observação não se está afirmando que seja um privilégio de Bourdieu atribuir sentido particular as palavras.

ajustamento às circunstâncias do momento. Assim, as estruturas objetivas da realidade social engendram as práticas e representações dos agentes, não de forma direta mas, pela intermediação do *habitus*.

Produtos de uma interação entre o *habitus* e o campo (a conjuntura), as estratégias são ações objetivamente orientadas para determinados fins, que podem ou não, ser os subjetivamente almejados. (Bourdieu, 1983:93) As ações dos agentes seriam, pois, o resultado da distância entre os efeitos das disposições e os da posições, uma luta entre a história objetivada e a história incorporada. Luta cotidiana através da qual a história se faz. (Bourdieu, 1980b:13)

Para o autor, prática e representação estão indissociavelmente ligadas: são ambas geradas pelo *habitus*. Para ele, o mundo social é ao mesmo tempo, ação e representação uma vez que a representação que têm de si próprios os grupos sociais, contribui para que ajam da maneira como agem.

A representação social não é um registro, um dado, mas sim o produto de uma construção passível de ser refeita a cada momento. (Bourdieu, 1977:2) Advogando uma posição contrária aos esquemas fixos de percepção e construção da realidade social o autor afirma que, as representações dos agentes estão ligadas ao *habitus* adquirido dentro de determinada posição de classe. (Bourdieu, 1987:156)

Donde se conclui que a representação é a elaboração subjetiva e mentalizada que os agentes fazem de suas condições materiais de vida. Como produto do *habitus*, refletem (como as práticas) as condições em que foram geradas, isto é, as circunstâncias objetivas de vida dos indivíduos ou grupos. Por intermédio do *habitus* há interpenetração das estruturas objetivas (a realidade social) e as subjetivas (as representações).

AS RECONVERSÕES

Por estratégias de reprodução entende-se um conjunto de práticas através do qual os indivíduos (ou grupos) tendem a conservar ou aumentar seus patrimônios e, portanto, manter ou melhorar suas posições na estrutura de relações sociais.

Como produto do *habitus*, as estratégias de reprodução contém uma parcela de adaptabilidade ao presente que, por sua vez, encerra uma dose de antevisão do futuro. Tais estratégias dependem em primeiro lugar da disponibilidade dos instrumentos de reprodução e, em segundo, do volume e da estrutura do capital a ser reproduzido. Em outras palavras, do volume atual e potencial de cada espécie de capital (econômico, social ou cultural) do grupo e o peso relativo de cada tipo de capital na estrutura patrimonial. Além disso, o estado em que se encontram os instrumentos de reprodução tais como as leis de herança e sucesso, mercado de trabalho ou sistema escolar devem ser considerados. A situação dos instrumentos de reprodução depende, por sua vez, da relação de forças a cada momento no campo. Qualquer mudança em um desses termos, implica na necessidade de

reestruturação na estratégia de reprodução. É comum essa reestruturação se dar pela conversão de uma espécie de capital em outra, mais legítima e, portanto, mais operante na circunstância dada; disso resulta uma alteração da estrutura patrimonial. (Bourdieu, 1979:145)

Considerando que a hierarquização dos grupos no espaço social se faz pela avaliação do volume e espécie de capital dominante, os deslocamentos dos indivíduos ou grupos pode se dar verticalmente, quando no mesmo campo, o indivíduo passa, por exemplo, de pequeno a grande empresário ou de professor secundário a professor universitário. A mudança pode ser, também, transversal quando, para manter sua posição, o indivíduo é obrigado a transformar uma espécie de capital em outra. Por exemplo, passar da atividade agrária a profissão liberal, por desvalorização do capital econômico-agrário que se torna insuficiente para a manutenção da posição de classe do indivíduo ou do grupo, em função de uma crise no setor.

É a esse fenômeno que Bourdieu chama de “reconversão”, que seria transformação de uma espécie de capital em outra, como condição para a manutenção das posições individuais ou grupais na sociedade mais ampla. Vale dizer, em dados momentos só é possível manter a posição de classe na estrutura social se for realizado um deslocamento associado a uma mudança de condição. Portanto, a mudança na estrutura patrimonial, nesses casos, é condição para salvaguardar o volume de capital e manter a mesma posição. (Bourdieu, 1979:145)

No entanto, a reconversão, entendida como transformação de uma espécie de capital em outra não é um conceito suficientemente claro para o próprio autor. É ele quem diz: “nem sempre os conceitos são aquilo que deveriam ser. Por exemplo eu coloco em termos que a mim não satisfazem o problema da conversão de uma espécie de capital em outra”. (Bourdieu, 1980:36) Embora reconhecendo o fenômeno, Bourdieu acredita que o estudo das leis que o regem ainda não está terminado. Porém, como para ele pesquisar é criar problemas, para si e para os outros, sobre pontos que anteriormente pareciam claros e simples, acredita que o conceito é uma abertura para novas investigações. Esse modo de ver as coisas do próprio autor justifica a tentativa de utilizar esse conceito nas análises.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACCARDO, Alain. *Initiation a la Sociologie del'illusionisme social*. Bordeaux, Le Mascaret, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. (1970) *La Reproduction*. Paris, Minuit, (avec J. Passeron).
- _____. (1972) Esquisse d'une theorie de la pratique. Génève, Génève.
- _____. (1977) Une classe-object in *Actes de la Recherche*, (17-18).
- _____. (1979) *La Distinction*. Paris, Paris.
- _____. (1980) Le capital social in *Actes de la Recherche*, (32-33).
- _____. (1980b) La mort saisit le vif in *Actes de la Recherche*, (32-33).
- _____. (1983) *Questões de Sociologia*. Marco Zero, Rio de Janeiro (trad. J. Vaitsman).

_____. (1984) *Homo Academicus*. Paris, Minuit.

_____. (1987) *Les choses dites*. Paris, Minuit.

CINGOLANI, Patrick. "Eppur si muove! Classes populaires et structures de classes dans la distinction". in *L'Empire du Sociologue*. Paris, La Découverte, 1985.

HERAN, Françoise. "La seconde nature de l'habitus". in *Revue Française de Sociologie*, 28(3), spt. 1987.

ORTIZ, Renato (org). *Pierre Bourdieu*. São Paulo, Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, Sociologia).

Abstract: This article aims to discuss some fundamental concepts of Bourdieu's theory on the grounds of its chronological evolution and the most usual comments about his assumptions. It foccus mainly the concepts of *habitus*, social field, strategy and reconvetion.

Keywords: habitus, strategy, social field, reconversion, position, disposition.